

A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO IR E A VARIAÇÃO DE FORMAS PARA EXPRESSAR O FUTURO DO PRESENTE: UMA FOTOGRAFIA CAPIXABA

Marcela Langa Lacerda Bragança

RESUMO

Esta pesquisa verifica o estágio do processo de gramaticalização do verbo IR, que tem assumido a função de auxiliar em construções perifrásticas para expressar tempo. Para isso, investiga-se a variação entre as formas sintética e perifrástica com IR para expressão do futuro do presente. Temos por hipótese que a forma perifrástica já atinge todos os gêneros das duas modalidades da língua, uma vez que já se especializou para codificar tempo. São examinados dois gêneros, tomando-os como prototípicos do continuum oral/escrito: entrevistas com informantes universitários e editoriais de jornal. Partindo de uma orientação teórica Funcionalista, num quadro mais geral, concebe-se a língua como flexível ao uso, passível de influências cognitivas, sociais e também individuais, embora haja nela forças que atuam no sentido de regularizar a estrutura. Seguindo algumas pesquisas que têm se mostrado frutíferas, o modelo funcionalista estará em diálogo com outro modelo que procura dar conta da heterogeneidade estruturada da língua e de seus processos de mudança: a Teoria Variacionista. Num quadro mais específico, os fundamentos que orientam a pesquisa são os da Gramaticalização. Os dados extraídos dos gêneros selecionados serão submetidos ao programa computacional GOLDFARB 2001 e, em seguida, interpretados à luz das teorias linguísticas que fundamentam esta pesquisa.

Palavras-chave: Funcionalismo, Variação, Verbo IR.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende analisar o processo de gramaticalização do verbo IR e a variação entre as formas *sintética* e *perifrástica com IR* para a expressão do futuro do presente.

Sobre a gramaticalização de IR, convocaremos a discussão sobre a mudança estrutural (verbo principal – verbo auxiliar) e semântica (espaço – tempo) desse verbo. Sobre a variação entre as formas para expressar o futuro do presente, investigaremos a modalidade oral e a escrita da língua a fim de identificar os fatores que motivam o uso de uma forma ou de outra nesses contextos.

Como representantes das modalidades da língua, dois gêneros foram selecionados: *entrevistas*, representando a modalidade oral, e *editorial* de jornal, representando a modalidade escrita. As entrevistas compõem o banco de dados do projeto “O português falado na cidade de Vitória”, desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo. Os editoriais, do ano de 2006, são retirados do jornal *A Gazeta*, publicado no Estado do Espírito Santo.

O cerne desta pesquisa, portanto, é a comunidade capixaba, considerando os falantes com maior grau de educação formal, a partir de dois gêneros prototípicos das duas modalidades.

OBJETO

Consideraremos, num quadro mais geral, duas possibilidades para a expressão de futuro do presente: forma conservadora ou sintética (cantarei) e forma inovadora ou perifrástica (vou cantar/irei cantar).

Inicialmente com noção espacial (Vou à faculdade), uma mudança semântica provoca um rearranjo estrutural na cadeia linguística, e IR passa a funcionar contiguamente a outro verbo. Cristalizado nessa posição, a construção tem se especializado para expressar tempo (Vou sair), uma noção mais gramatical.

Estamos, assim, lidando, concomitantemente, com dois processos distintos, mas que se entrecruzam: a gramaticalização de IR para codificar tempo, e a implementação da construção perifrástica com IR para expressar o futuro do presente.

Mais especificamente, analisaremos três formas: (1) a sintética, (2) a perifrástica com IR no presente e (3) a perifrástica com IR no futuro. As formas aqui analisadas são representadas a seguir:

- (1) Deputados que não comparecerem hoje à sessão da Câmara terão o ponto cortado. (Editorial, 13 de fevereiro de 2006).
- (2) (Sobre anabolizantes) – Cê vai começar a malhar e não vai tomar nada. (Cel. 37, Mulher universitária).
- (3) (Sobre Lula declarar que não cumpre a lei eleitoral e faz campanha 365 dias por ano) – Na direção do PFL alardeia-se que o partido irá apelar ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). (Editorial, 24 de fevereiro de 2006).

O embasamento teórico para o estudo do fenômeno assenta-se em considerações advindas de dois modelos: Sociolinguística Variacionista, que entende que a variação não é aleatória nem arbitrária, mas é resultado de usos sistemáticos e regulares (Labov, 1983, p. 30); e Funcionalismo, que defende a relação entre gramática e uso (Traugott e Dasher, 2005, p. 6), sendo as formas motivadas de acordo com as funções comunicativas que exercem.

Se para os sociolinguistas a língua reflete a realidade, no sentido de que há uma correlação entre as variações linguísticas e as diferenças sociais, para os funcionalistas

[...] a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou das propriedades da mente humana (CUNHA *et al.*, 2003, p. 30).

Visto por esse prisma, podemos inferir que as formas para a expressão de futuro do presente são motivadas por fatores diversos, sendo alguns deles aqui investigados.

Ao longo da pesquisa, identificaremos as formas *sintética*, *perifrástica com IR no presente* e *perifrástica com IR no futuro* como S, P e F, respectivamente.

METODOLOGIA

As 46 células do banco de dados do projeto “O português falado na cidade de Vitória”, com entrevistas do tipo *semidirigida*, proporcionaram a coleta de dados que caracterizaram a fala natural ou espontânea.

Desses dados, selecionamos apenas as relativas aos informantes universitários, totalizando 12 entrevistas. Temos por hipótese que as ações normatizadoras da escola não bloqueiam a forma nova (perifrástica), uma vez que não parece haver estigma sobre ela e isso faz com que se implemente na língua portuguesa, começando pela oralidade até atingir os contextos mais formais da escrita.

Em busca da confirmação desta hipótese, selecionamos, então, o segundo gênero a ser analisado, que são editoriais de jornais. Esse gênero, representativo da modalidade escrita, caracteriza-se pela seleção de estruturas condizentes com a variedade padrão da língua. Nesse procedimento, não só os níveis lexical, morfossintático e semântico são filtrados, mas todas as escolhas discursivas parecem passar pelo crivo da homogeneização da variedade padrão. Temos, portanto, dois pólos do continuum oral/escrito para a análise da expressão de futuro: na oralidade, temos a expressão de futuro selecionada por informantes universitários em contextos orais informais; na escrita, temos o contexto formal expresso pelos editoriais.

Mantendo o interesse de investigar a comunidade capixaba, selecionamos os editoriais publicados no jornal capixaba A Gazeta, durante todo o ano de 2006. Esse jornal é o mais tradicional do Estado do Espírito Santo, tendo sua primeira publicação em 11 de setembro de 1928.

A partir da análise dos corpora acima, esperamos obter um número significativo de dados, requisito para uma análise segundo os procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista na investigação da sistematicidade no uso das formas analisadas.

Yacovenco (2002, p. 107) considera que esse tipo de pesquisa

baseia-se em dados controlados, que refletem a sistematicidade da estrutura linguística e evita a análise de casos isolados, e se fundamenta, também, na quantificação dos dados, que decorre do pressuposto de que o uso de determinada forma linguística reflete diferentes atualizações das regras variáveis.

Dessa forma, os dados coletados nos dois gêneros analisados serão submetidos à codificação. Para a análise estatística dos dados, utilizaremos o aplicativo Goldvarb 2001, que faz um estudo multivariacional a partir de cálculos estatísticos e probabilísticos (Scherre, 1996).

ANÁLISE

A pesquisa considerou um total de 1.182 dados, sendo 827 ocorrências de futuro do presente no gênero escrito e 355 ocorrências no gênero da oralidade. As formas pesquisadas encontram-se assim distribuídas nos gêneros:

Tabela 1: Distribuição geral das formas analisadas nos *corpora*.

Variantes	Gêneros	
	Editorial	Entrevistas
Forma Sintética	622 (75,21%)	4 (1,12%)
Forma perifrástica - IR no futuro	124 (15%)	1 (0,38%)
Forma perifrástica - IR no presente	81 (9,79%)	350 (98,5%)
Total	827 (100%)	355 (100%)

Os resultados acima sugerem que, na escrita formal, a forma sintética é mais frequente (75,21%) e, em percentuais bem menores (15%), a forma perifrástica com IR no futuro é a que ocupa a segunda posição em frequência de ocorrência. A forma *perífrase com IR no presente* aparece em percentuais baixos, embora consideráveis (9,79%).

Nas entrevistas, a forma sintética apresenta índices apenas residuais (1,12%); a forma perifrástica com IR no presente é a mais frequente (98,5%), e a forma perifrástica com IR no futuro é fortemente inibida nesse contexto.

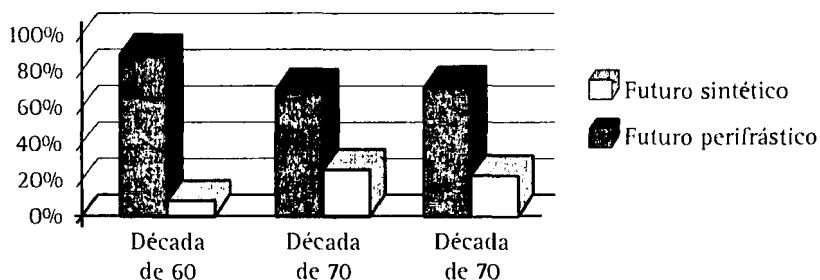
Por esses resultados, confirmando nossa hipótese, observamos que a perífrase é favorecida em textos mais informais e a forma sintética ainda predomina em contextos mais formais.

Já em relação aos editoriais, embora a morfologia de prestígio, a da forma sintética, seja a preferida nesse gênero, a diferença entre os valores percentuais de ocorrência de F e de P não é tão distante (apenas 5,11%).

Por isso, se amalgamarmos, nos dois gêneros, as ocorrências perifrásticas e compararmos esse percentual com as ocorrências de forma sintética, é possível verificar que, se nas entrevistas o percentual de ocorrência da variante perifrástica quase não se altera (passa de 98,02% para 98,87% dos dados), nos editoriais ele se eleva para 24,6%.

Comparando nossos resultados de frequência de ocorrência das formas sintética e perifrástica com os resultados de Oliveira (2006, p. 153), que analisou essas mesmas formas em editoriais da década de 70 e de 90, é possível perceber a evolução do ingresso da forma nova na variedade padrão. O gráfico 1 ilustra a comparação:

Gráfico 1: Comparação dos resultados da frequência de ocorrência de forma perifrástica e sintética nos editoriais da década de 70, 90 e do ano de 2006.



Os resultados acima sugerem que, da década de 70 para a de 90, a forma nova teve um acentuado ingresso nos editoriais. De 90 para o ano de 2006, no entanto, os índices das duas formas praticamente se mantiveram.

É preciso considerar, porém, que o espaço de tempo de 70 a 90 é maior que de 90 para o ano de 2006 e que as mudanças sociais nesse primeiro intervalo podem ter sido mais significativas, o que justificaria também o ingresso da forma nova de maneira mais acentuada nos editoriais.

Destacando a importância da frequência das formas, retomamos Bybee (2003), que considera a *frequência* um fator que exerce papel fundamental no processo de gramaticalização.

A linguista destaca que para os planos morfológico e sintático a forma mais frequente torna-se a forma não-marcada e, por isso, mais resistente à mudança, pois seu processamento é imediato, automático, representando menos esforço cognitivo.

Para o plano fonológico, no entanto, o item mais frequente está mais sujeito a desgastes, a mudanças. Como nossa análise contempla dados das duas

modalidades, pode ser que muitas diferenças encontradas na implementação dessa forma nova na oralidade e na escrita se deva a esse aspecto.

E nosso estudo constatamos que o futuro sintético é menos frequente, logo marcado, na modalidade oral. Entretanto, na modalidade escrita a situação é invertida: a forma perifrástica é menos frequente. Percebemos, então, que é preciso considerar a modalidade da língua e os gêneros para definir as formas mais ou menos frequentes.

Assim, é preciso entender que o funcionamento de uma estrutura linguística pode ser motivado pela própria estrutura do gênero em que aparece. Em relação às formas analisadas, concluímos que, enquanto nos editoriais a forma marcada é a perifrástica e a não-marcada a sintética, nas entrevistas ocorre o contrário, a forma marcada é a sintética e a não-marcada a perifrástica.

Uma explicação para a possível resistência encontrada no editorial quanto à forma inovadora seria a relativa estabilidade dos gêneros. Conforme define Marcuschi (2005, p. 29),

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Por esse motivo a forma mais conservadora apresenta-se arraigada nesse gênero representativo do polo mais à direita do *continuun* oral/escrito.

Outro motivo da resistência pode ser o gênero analisado. Para Mollica (2006, p. 05)

variantes inovadoras “preferem” textos, digamos, “mais vulneráveis” que, no *continuun* fala/escrita, carregam traços de oralidade em função de características de gêneros discursivo e de nível de formalidade discursiva assim como de tipo de veículo de informação.

Um dos objetivos desta pesquisa era verificar o grau de gramaticalização de IR na construção perifrástica, com a hipótese de que quanto mais gramaticalizado, mais a perífrase concorreria com a forma sintética,

atingido seus contextos mais canônicos. Por isso escolhemos o editorial como representante desse grupo.

Afirmamos, entretanto, não que o editorial seja a “porta de entrada” para a forma perifrástica nos textos escritos, visto que, como considerou a autora acima, as formas inovadoras devem atingir primeiramente os gêneros híbridos, mais suscetíveis a influências da oralidade.

Essas considerações foram gerais e a partir de agora especificaremos cada grupo de fatores e seus resultados. O primeiro que consideraremos, abaixo, será *perífrase com verbo modal*.

1. Perífrase com verbo modal

A consideração dos verbos modais em nossa pesquisa se faz necessária pelo fato de o futuro verbal, relacionado ao *irrealis*, requerer modalização, já que o falante apenas pode projetar sua expectativa para os fatos que vão acontecer. O traço [modalidade] estará, portanto, presente nas construções de futuro, ora mais perceptível, ora mais implicitamente.

A forma mais frequente nos editoriais para futuro do presente, a sintética, não apresenta esse traço, a não ser quando a tomamos historicamente. A forma perifrástica, apesar de ser uma estrutura que emerge da necessidade de evidenciar modalidade, parece seguir o mesmo rumo, ou seja, o de ter cada vez mais implicitamente a modalidade à medida em que se gramaticaliza.

Os dados da pesquisa nos levaram a inferir que a forma perifrástica migra para os textos mais formais da escrita após adquirir, na oralidade, um matiz mais temporal, daí o traço modal estar, mais uma vez, a exemplo do que ocorre com a forma sintética, implícito.

Apesar disso, não podemos dizer que, no contexto da escrita, a forma está totalmente gramaticalizada na função temporal, como ocorre com a forma sintética. Uma prova disso parece ser o fato de não termos nenhuma ocorrência **vai ir* nos editoriais, construção fortemente inibida em contextos mais formais.

Considerando, no entanto, que, como a perífrase não está totalmente gramaticalizada para a noção temporal, construções perifrásticas com matiz modal nos editoriais não nos surpreendem.

Aliás, tomamos por hipótese que são nesses contextos em que o produtor do editorial assume, menos veladamente, seu ponto vista, que a construção perifrástica encontra a possibilidade de migrar para esses textos mais formais.

Outro motivo para considerarmos que a perífrase não exerce apenas função temporal nos editoriais é o comportamento dos verbos modais, uma vez que esses auxiliares também rejeitam fortemente “unirem-se” ao verbo IR, na estrutura IR + modal + verbo principal.

2. Extensão lexical do verbo principal

Costa (2003, p.102) observou que o uso da forma perifrástica, relativa ao futuro do pretérito, é favorecido quando o verbo principal possui três ou mais sílabas, pois, ao utilizar a perífrase, o falante distribui o peso fonológico de um vocábulo muito extenso.

Seguindo o que essa pesquisadora constatou, nossa hipótese é a de que quanto maior a extensão lexical do verbo principal, mais o uso da forma perifrástica será favorecido. Verbos de uma ou duas sílabas, ao contrário, tendem a manter a forma sintética.

2.1 - Resultados

Considerando a frequência de ocorrência dos verbos de uma, duas e três ou mais sílabas nos dados da oralidade, temos o seguinte resultado:

Tabela 4: Frequência de ocorrência de construções perifrásticas nas entrevistas, considerando o grupo de fatores EXTENSÃO LEXICAL DO VERBO PRINCIPAL.

FATORES	Aplicação	Freq. (%)
1 sílaba	79	23%
2 sílabas	187	52%
3 ou + sílabas	89	25%
Total	350	100%

A maior frequência de ocorrência nas entrevistas foi com verbos de duas sílabas (52%), seguido dos verbos de 3 sílabas (25%) e, por último, verbos de 1 sílaba (23%).

Como a diferença percentual entre os verbos de 1 e 3 sílabas não foi muito significativa (2%), atribuímos aos verbos de duas sílabas o ambiente mais favorável para se espalhar nessa modalidade.

Já em relação aos editoriais, os resultados para esse grupo de fatores são:

Tabela 5: Influência do grupo de fatores EXTENSÃO LEXICAL na escolha das variantes de futuro do presente nos editoriais.

Fatores	1 Sílaba		2 Sílabas		3 ou + Sílabas	
	Aplic./total	Freq.	Aplic./total	Freq.	Aplic./total	Freq.
S	265/306	86%	156/206	75%	200/315	63%
P	11/306	5%	23/206	12%	47/315	15%
F	30/306	9%	27/206	13%	68/315	22%

A partir da tabela acima, é possível perceber que, confirmando nossa hipótese, verbos de maior extensão lexical favorecem o uso da forma perifrástica, enquanto verbos menos extensos favorecem o uso da forma sintética.

Assim como ocorreu a implementação da forma perifrástica nos gêneros orais, os gêneros escritos e mais formais parecem já ter sido atingidos nos níveis mais “inacessíveis”, já que até os verbos gramaticais (*ser, estar*) estão “funcionando” nos textos de acordo com o modelo do novo paradigma:

- (39) Agora, a extinção do subteto de R\$ 22.111,25 mensais para os promotores e a equiparação salarial aos ministros do STF, no valor de R\$ 24.500, vai ser contestada judicialmente (Editorial, 06 de dezembro de 2006).

O fator *extensão lexical* foi selecionado pelo *Goldvarb* para a ocorrência de perífrase no futuro, conforme verificamos com os seguintes resultados:

Tabela 7: Influência do grupo de fatores EXTENSÃO LEXICAL, nos editoriais, para a escolha de perífrase com IR no futuro

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
1 sílaba	30/306	9%	.50
2 sílabas	27/206	13%	.35
3 ou + sílabas	68/315	21%	.59

A partir da tabela acima, podemos comprovar que, para a escolha de perífrase no futuro, esse fator exerce grande influência, conforme assegura o peso relativo de .59 com os verbos mais extensos. Já os verbos de duas sílabas desfavorecem o uso dessa forma na escrita e os de uma sílaba parecem não exercer efeito sobre a escolha.

3. Paradigma verbal

Temos por hipótese que, para este fator, a forma perifrástica, ao encaminhar-se para ocupar o lugar da forma sintética para expressar o futuro do presente, atinge primeiramente os verbos regulares e só posteriormente os irregulares (Oliveira, 2006, p. 116).

3.1 - Resultados

Para as entrevistas, a frequências de ocorrência da forma perifrástica considerando esse grupo de fatores foi de:

Tabela 8: Frequência de ocorrência de construções perifrásticas nas entrevistas, considerando o grupo de fatores PARADIGMA VERBAL.

FATORES	Aplicação	Freq. (%)
Regular	237	67%
Irregular	118	33%
TOTAL	355	100%

Por esses dados, os verbos regulares são mais frequentes na oralidade (67%) e, portanto, são por eles que, provavelmente, a mudança tenha começado

a ocorrer. Os verbos irregulares, por sua vez, são menos numerosos, sendo os mais frequentes *ser, ter, vir, fazer, querer, dizer, dar e ver*.

O nível fonológico também parece ser importante aqui, pois a alta frequência de verbos regulares e a recorrência de poucos verbos irregulares na oralidade pode ter facilitado a mudança morfossintática nos dois grupos de verbos, permitindo a consolidação da forma nova nessa modalidade.

Em relação aos dados dos editoriais, esse grupo de fatores foi selecionado pelo programa *Goldvarb* para a ocorrência de perífrase no presente e de forma sintética. Os resultados, abaixo, também confirmam a hipótese de que verbos regulares favorecem o uso da forma nova, enquanto os irregulares são mais resistentes:

Tabela 9: Influência do grupo de fatores PARADIGMA VERBAL na escolha de perífrase com IR no presente

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Regular	66/450	14%	.65
Irregular	15/377	3%	.34

Conforme a distribuição dos dados acima, os verbos irregulares são mais resistentes à forma de futuro perifrástico, já que, num total de 377 ocorrências, apenas 15 são com a forma nova.

Embora a frequência da forma sintética tenha sido maior que a da perifrástica, notamos que o peso relativo marca o paradigma dos verbos regulares como o contexto mais favorável para o uso da perífrase com o verbo IR no presente, conforme o índice de .65 exposto.

Conforme podemos observar nos pesos relativos da tabela abaixo, verbos irregulares preservam a forma mais conservadora na escrita:

Tabela 10: Influência do grupo de fatores PARADIGMA VERBAL na escolha de forma sintética

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Regular	297/450	66%	.43
Irregular	324/377	85%	.58

Mollica (2006), ao trabalhar com “processos sintáticos que migram da fala para a escrita”, ressalta a influência de “filtros” normativos que podem impedir a exportação dessas marcas.

A formalidade do editorial, a tradição de seu modo de construção e a força conservadora da escrita podem ser consideradas condições que retardam a definitiva mudança nesse paradigma verbal. Apesar disso, a autora observa que filtros impeditivos ao processo de mudança podem apresentar “grau razoável de falibilidade” (Molica, 2006, p. 167).

4. Conjugação verbal

Conforme definido na Gramática Tradicional, os verbos são classificados em 1ª (os terminados em -ar), 2ª (terminados em -er e -or) e 3ª (terminados em -ir) conjugação. Os mais recorrentes na língua portuguesa são os de 1ª conjugação. Assim, a exemplo da hipótese do fator anterior, esperamos que a forma perifrástica atinja primeiramente os verbos mais abundantes e, gradativamente, os de 2ª e 3ª conjugação (Tesch, 2007, p. 91).

4.1 - Resultados

Embora esse grupo de fatores não tenha sido selecionado como relevante pelo programa computacional *Goldvarb*, os resultados percentuais estão relacionados abaixo.

Tabela 13: Influência do grupo CONJUGAÇÃO VERBAL na escolha da forma de futuro do presente nos editoriais.

Fatores	1ª Conjugação		2ª Conjugação		3ª Conjugação	
	Aplic./total	Freq.	Aplic./total	Freq.	Aplic./total	Freq.
S	206/295	70%	341/414	82%	74/118	63%
P	40/295	14%	26/414	7%	15/118	13%
F	49/295	16%	47/414	11%	29/118	24%

Conforme nossa hipótese, os dados dos editoriais comprovam que a forma nova é favorecida por verbos da 1ª conjugação, apesar de a diferença percentual entre a forma perifrástica no presente na 1ª conjugação (14%) e na 3ª (13%) não ser significativa (apenas 2%).

Para a escolha de perífrase no futuro, o maior percentual esteve com os verbos da 3ª conjugação (24%). Ao investigarmos o porquê dessa alta frequência, notamos que grande parte dessas ocorrências era composta por auxiliares modais (*deverá* atingir, *poderão* aderir), sendo, portanto, o alto índice de F, com verbos dessa conjugação, atribuído ao verbo auxiliar das construções e não aos principais.

Com os verbos de 2ª conjugação, as formas perifrásticas no presente e no futuro tiveram uma queda considerável, pois, como vimos, entre eles estão os verbos *ter* e *ser* que tendem a ser resistentes à forma nova. A alta frequência desses dois verbos também pode ter provocado o maior percentual de ocorrência de S entre os verbos de 2ª conjugação (82%).

Confirmando o que esperávamos, os dados das entrevistas demonstram que os verbos mais frequentes são os de primeira conjugação, seguidos dos de segunda e, por último, os de terceira:

Tabela 14: Frequência de ocorrência de perífrase nas entrevistas, considerando o grupo de fator CONJUGAÇÃO VERBAL

Fatores	Aplicação	Freq. (%)
1ª conjugação	220	62%
2ª conjugação	108	30%
3ª conjugação	27	8%
Total	355	100%

A implementação da forma nova na oralidade parece ter seguido também esse rumo, atingindo primeiramente os verbos mais abundantes.

5. Natureza semântica do verbo principal

“A tarefa de se estabelecer categorias semânticas de verbos é sempre complexa” (Costa, 2003, p. 95). Dentre as diversas classificações que poderíamos adotar, escolhemos nesta pesquisa a dos linguistas Vilela e Koch (2001, p. 66 - 67) pela preocupação/intenção dos teóricos em considerar a gramática um arcabouço que contempla questões que vão

da palavra ao discurso. A pesquisa considerou a seguinte classificação: 1) Verbos de ação/atividade; 2) Verbos de processo; 3) Verbos de estado.

A hipótese que adotamos é a de que os verbos são gradativamente atingidos pela forma nova, começando pelos verbos que denotam ação/atividade, passando pelos verbos de processo até atingir os de estado.

5.1 - Resultados

Os resultados das entrevistas foram os seguintes:

Tabela 16: Frequência de ocorrência de perífrase nas entrevistas, considerando o grupo de fator NATUREZA SEMÂNTICA DO VERBO PRINCIPAL

Fatores	Aplicação	Freq. (%)
Ação/Atividade	227	64%
Processo	34	10%
Estado	94	26%
Total	355	100%

A tabela acima demonstra que os verbos mais frequentes na oralidade são os de ação (64%). Em segundo lugar, ocorreu um alto índice de verbos de estado, sendo muito recorrente os verbos *ficar*, *ser*, *ter*. Os verbos que denotam processo foram os mais variados, mas também os menos frequentes nessa amostra.

Se verbos de ação são mais frequentes, talvez seja por eles que a forma nova tenha implementado na oralidade. Os verbos de estado, ocupando segunda posição na frequência de ocorrência, podem ter sido atingidos antes dos de processo, embora nossa pesquisa não tenha pretensão de assegurar esse dado.

Em relação aos dados dos editoriais, embora esse fator não tenha sido selecionado pelo programa *Goldvarb*, a frequência de ocorrência das formas apresentou um resultado relevante, pois diferentemente dos dados da oralidade, o menor percentual para a forma perifrástica ocorre com verbos que indicam estado, e não processo.

Consideramos, porém, que esse dado não contraria nossa hipótese, pois ainda assim sugere que, na construção em que há forma sintética, a presença de outras marcas para codificar o futuro, além da morfologia verbal, torna-se redundante.

Já para as entrevistas, os percentuais de frequência de ocorrência da forma nova em relação a cada fator desse grupo sugerem que a perífrase com IR está bem gramaticalizada, pois 66% das ocorrências já não possuem outras marcas de futuro. Os percentuais estão abaixo descritos.

Tabela 21: Frequência de ocorrência de perífrase nas entrevistas, considerando o grupo de fator MARCA DE FUTURIDADE FORA DO VERBO.

Fatores	Aplicação	Freq. (%)
Presença de advérbio	33	9%
Presença de oração temporal	7	2%
Presença discursiva	81	23%
Ausência de marca	234	66%
Total	355	100%

Assim como a forma sintética, a perifrástica, na oralidade, assegura a expressão de futuro em contextos com *presença* discursiva de outras marcas. Nos contextos em que há *presença de advérbio* ou de *oração temporal*, no entanto, a frequência de perífrase diminui consideravelmente (9% e 2%, respectivamente), confirmando a especialização da forma nova na oralidade para expressar tempo.

7. Paralelismo

O fator *paralelismo* é um dos que mais têm motivado o uso de uma forma linguística quando falamos em expressão de futuro. A influência desse fator tem sido tão notória em diversas pesquisas que ele passou a ser tratado como um *princípio* linguístico, o que significa que pode ser um mecanismo universal no processamento da linguagem.

Esse fator, ou princípio, consiste em uma “tendência à repetição de uma forma anteriormente utilizada” (Omena, 2003, p. 65). Assim, já adaptando à nossa pesquisa, uma ocorrência da forma perifrástica desencadearia outra ocorrência dessa mesma forma e, de igual modo, uma ocorrência da forma sintética desencadearia outra forma sintética. Já as ocorrências isoladas têm sido consideradas, pela literatura linguística, formas “neutras” quanto à escolha de uma forma ou outra.

Os tipos de paralelismo considerados foram: a) Ocorrência isolada; b) Primeira ocorrência de uma série; c) Ocorrência em cadeia precedida de forma sintética; d) Ocorrência em cadeia precedida de forma perifrástica, com IR no presente; e) Ocorrência em cadeia precedida de forma perifrástica com auxiliar no futuro¹.

7.1. Resultados

Na análise geral dos dados dos editoriais, esse grupo de fatores foi selecionado como relevante pelo programa *Goldvarb* apenas para a escolha de P. Apesar disso, consideramos importante também os percentuais de frequência de ocorrência desse grupo de fatores para as ocorrências de S e de F, conforme os resultados abaixo:

Tabela 22: Influência do grupo de fatores PARALELISMO na escolha de forma perifrástica no presente, nos editoriais

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Ocor. isolada	41/376	10%	.54
Primeira ocorrência de uma série	19/171	11%	.55
Ocor. em cadeia precedida de S	14/205	6%	.42
Ocor. em cadeia precedida de P	6/31	19%	.72
Ocor. em cadeia precedida de F	1/44	2%	.17

¹ Nesse mesmo grupo, consideramos também as construções perifrásticas com auxiliares modais. E nas entrevistas, esse paralelismo não ocorreu.

Consideramos, porém, que esse dado não contraria nossa hipótese, pois ainda assim sugere que, na construção em que há forma sintética, a presença de outras marcas para codificar o futuro, além da morfologia verbal, torna-se redundante.

Já para as entrevistas, os percentuais de frequência de ocorrência da forma nova em relação a cada fator desse grupo sugerem que a perífrase com IR está bem gramaticalizada, pois 66% das ocorrências já não possuem outras marcas de futuro. Os percentuais estão abaixo descritos.

Tabela 21: Frequência de ocorrência de perífrase nas entrevistas, considerando o grupo de fator MARCA DE FUTURIDADE FORA DO VERBO.

Fatores	Aplicação	Freq. (%)
Presença de advérbio	33	9%
Presença de oração temporal	7	2%
Presença discursiva	81	23%
Ausência de marca	234	66%
Total	355	100%

Assim como a forma sintética, a perifrástica, na oralidade, assegura a expressão de futuro em contextos com *presença* discursiva de outras marcas. Nos contextos em que há *presença de advérbio* ou de *oração temporal*, no entanto, a frequência de perífrase diminui consideravelmente (9% e 2%, respectivamente), confirmando a especialização da forma nova na oralidade para expressar tempo.

7. Paralelismo

O fator *paralelismo* é um dos que mais têm motivado o uso de uma forma linguística quando falamos em expressão de futuro. A influência desse fator tem sido tão notória em diversas pesquisas que ele passou a ser tratado como um *princípio* linguístico, o que significa que pode ser um mecanismo universal no processamento da linguagem.

Esse fator, ou princípio, consiste em uma “tendência à repetição de uma forma anteriormente utilizada” (Omena, 2003, p. 65). Assim, já adaptando à nossa pesquisa, uma ocorrência da forma perifrástica desencadearia outra ocorrência dessa mesma forma e, de igual modo, uma ocorrência da forma sintética desencadearia outra forma sintética. Já as ocorrências isoladas têm sido consideradas, pela literatura linguística, formas “neutras” quanto à escolha de uma forma ou outra.

Os tipos de paralelismo considerados foram: a) Ocorrência isolada; b) Primeira ocorrência de uma série; c) Ocorrência em cadeia precedida de forma sintética; d) Ocorrência em cadeia precedida de forma perifrástica, com IR no presente; e) Ocorrência em cadeia precedida de forma perifrástica com auxiliar no futuro¹.

7.1. Resultados

Na análise geral dos dados dos editoriais, esse grupo de fatores foi selecionado como relevante pelo programa *Goldvarb* apenas para a escolha de P. Apesar disso, consideramos importante também os percentuais de frequência de ocorrência desse grupo de fatores para as ocorrências de S e de F, conforme os resultados abaixo:

Tabela 22: Influência do grupo de fatores PARALELISMO na escolha de forma perifrástica no presente, nos editoriais

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Ocor. isolada	41/376	10%	.54
Primeira ocorrência de uma série	19/171	11%	.55
Ocor. em cadeia precedida de S	14/205	6%	.42
Ocor. em cadeia precedida de P	6/31	19%	.72
Ocor. em cadeia precedida de F	1/44	2%	.17

¹ Nesse mesmo grupo, consideramos também as construções perifrásticas com auxiliares modais. E nas entrevistas, esse paralelismo não ocorreu.

Tabela 23: Influência do grupo de fatores PARALELISMO na escolha de forma sintética nos editoriais

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)
Ocor. isolada	275/376	73%
Primeira ocorrência de uma série	130/171	76%
Ocor. em cadeia precedida de S	164/205	80%
Ocor. em cadeia precedida de P	21/31	67%
Ocor. em cadeia precedida de F	31/44	70%

Tabela 24: Influência do grupo de fatores PARALELISMO na escolha de perífrase no futuro nos editoriais

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)
Ocor. isolada	60/376	15%
Primeira ocorrência de uma série	22/171	12%
Ocor. em cadeia precedida de S	27/205	13%
Ocor. em cadeia precedida de P	4/31	12%
Ocor. em cadeia precedida de F	12/44	27%

Os resultados acima confirmam a influência desse fator na escolha das variantes e reforça a hipótese de que o uso de uma forma desencadeia em contexto imediatamente posterior a ocorrência de forma idêntica (S leva a S, P leva a P e F leva a F).

Para a ocorrência de P, por exemplo, o maior peso relativo (.72), conforme a tabela (22), ocorre com o fator *ocorrência em cadeia precedida de P*, comprovando que o paralelismo linguístico é um importante mecanismo para a implementação da forma inovadora.

Talvez possamos afirmar que o espriamento da forma nova em contextos mais resistentes pode ser explicado também por esse fator, pois a partir de um contexto favorável ao longo de um texto (considerando a influência de outros fatores), contextos mais resistentes podem ser afetados pelo processo de mudança graças a esse mecanismo de tendência à manutenção da forma utilizada.

A mudança, a depender dos resultados já obtidos no gênero mais oral analisado, parece caminhar para substituir a forma conservadora por P e não por P e/ou F. Uma prova disso pode ser, além do fato de F inibir a ocorrência de P, a ausência de F nas entrevistas.

A frequência de ocorrência dos fatores desse grupo nas entrevistas é exposta abaixo:

Tabela 25: Frequência de ocorrência de perífrase nas entrevistas, considerando o grupo de fator PARALELISMO.

Fatores	Aplicação	Freq. (%)
Ocorrência isolada	110	31%
Primeira ocorrência de uma série	63	18%
Ocorrência em cadeia precedida de P	182	51%
Total	355	100%

No entanto, é preciso destacar, que

(...) a influência do paralelismo sobre a escolha das variáveis só está relacionada ao aumento de ocorrências de uma ou outra forma na dependência do incremento de uma delas por outros fatores favorecedores, não constituindo, portanto, um condicionamento que acelere ou retarde a mudança diretamente. (OMENA: 2003, p.73)

CONCLUSÃO

Constatamos que as modalidades oral e escrita da língua parecem ter sido atingidas pelo fenômeno da gramaticalização da estrutura perifrástica com IR de formas diferentes.

Nas entrevistas, gênero característico da modalidade oral, não houve variação entre as formas, tendo sido eleita, em (quase) 100% das ocorrências, a forma perifrástica com IR no presente.

Esperávamos que a forma nova estivesse bem arraigada na modalidade oral mais informal, mas não que a variação já tivesse sido eliminada desses contextos. Esse resultado sugere que, nesta modalidade, estamos diante de um caso de mudança (forma simples > forma perifrástica) no paradigma verbal para a expressão do futuro do presente.

Em consequência, o verbo IR aparece bem gramaticalizado nesses ambientes. Se no início do processo surge com matiz mais aspectual (do que vai acontecer) e modal (intenção de fazer algo) para se opor à noção puramente temporal da forma sintética, nas ocorrências aqui analisadas a forma perifrástica encontra-se mais gramaticalizada para expressar tempo, à medida que ocupa os contextos antes favorecidos pela forma conservadora.

Com os resultados da análise dos editoriais, por outro lado, a pesquisa comprovou a preferência do gênero ainda pela forma conservadora. O maior percentual de ocorrência nesse gênero foi o da forma sintética, seguido da forma perifrástica com o auxiliar aparecendo com morfologia de forma sintética.

Contudo, como a frequência da forma inovadora foi considerada significativa nos editoriais (25%), representantes de textos mais formais da modalidade escrita, consideramos, inicialmente, que estávamos diante de uma mudança em progresso.

Ao compararmos nossos resultados com os de Oliveira (2006), no entanto, notamos a necessidade de pesquisas mais amplas, com análise em variados gêneros distribuídos ao longo do *continuun* das modalidades, pois a frequência das formas sintética e perifrástica, nos editoriais, manteve-se quase a mesma da década de 90 até o ano 2006.

Para a escrita, portanto, outras pesquisas devem ser feitas, pois, se de um lado, tendemos a acreditar que ocorrerá também uma mudança na escrita para a expressão de futuro do presente, a exemplo do que ocorre na oralidade e também considerando a frequência da forma nova nos editoriais, não podemos, por outro lado, negar que a comparação dos resultados acima pode sugerir no momento atual um caso de variação estável.

Concluimos também que a motivação discursiva para o uso de uma forma ou de outra pode relacionar-se a alguns aspectos textuais, como a formalidade do texto. Gêneros mais formais, mais sujeitos à norma pedagógica tradicional parecem ainda preferir a forma sintética ou, quando usam a forma nova, selecionam a morfologia de prestígio para o auxiliar.

A forma mais conservadora parece conferir a esses textos um tom de solenidade e impessoalidade, assegurando teor preditivo e formulaico à produção (Barbosa, 2007, p. 7), em consonância com os objetivos dos textos jornalísticos.

Outro aspecto discursivo que parece motivar a seleção das formas refere-se à modalização. Nesses contextos, a atitude do falante/produzidor frente aos fatos comentados ganha evidência, por isso os textos mais orais e informais selecionam as formas que expressam mais nitidamente esse conteúdo, que são as construções perifrásticas.

Pelo mesmo motivo, os editoriais são mais resistentes à forma nova e somente quando o monitoramento da produção escapa ao produzidor ou quando a construção utiliza outras marcas da oralidade é que a perífrase encontra condições favoráveis para penetrar na escrita formal.

Esta pesquisa confirma a gramaticalização de IR para expressar tempo e a conseqüente emergência da construção perifrástica com IR para concorrer com a forma sintética na expressão do futuro do presente.

A implementação da forma nova atinge a variedade padrão, mas fatores linguísticos e discursivos ainda condicionam os contextos favoráveis para seu uso. O elemento decisivo para a determinação da mudança nessa expressão verbal da língua portuguesa do Brasil pode ser o funcionamento da modalidade escrita da língua.

Se estamos diante de um processo de mudança, para as duas modalidades, ou de variação estável, para a escrita, apenas pesquisas mais amplas poderão assegurar.

REFERENCIAS

BARBOSA, Juliana Bertucci. A expressão do futuro no português brasileiro contemporâneo (2007) Disponível em: <[http:// www.filologia.org.br/ivcnlf/anais/caderno_07](http://www.filologia.org.br/ivcnlf/anais/caderno_07) - 11htm. Acesso em 03 de março de 2008.

BYBEE, Joan *et al.* The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (eds). A handbook of historical linguistics. Blackweel, 2003.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. A variação entre as formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de mestrado em Linguística.

_____. O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: Um estudo diacrônico. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Linguística.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA *et al.* Pressupostos Teóricos Fundamentais. In: _____ (orgs). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

LABOV, William. Modelos Sociolinguísticos. Tradução: José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. (Primeira versão publicada em 1972)

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Da fala para a escrita: Atividades de retextualização. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva *et al* (orgs). Gêneros textuais & ensino. 4 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, M. L. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita (2006). Disponível em: <[http:// www.lingref.com/cpp/hls/8/abstract1263.html](http://www.lingref.com/cpp/hls/8/abstract1263.html). Acesso em 11 de novembro de 2007.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de doutorado em Linguística.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana, Crhistina (orgs). Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

SANTOS, Josete Rocha dos. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – UFRJ, 2000. Dissertação de mestrado em Linguística.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos Teóricos. In: _____ & SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

_____. Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

TESCH, Leila Maria. A variação no âmbito do irrealis entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2007. Dissertação de mestrado em Linguística.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. Regularity in Semantic Change. Cambridge: University Press, 2005.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina, 2001.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O Projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: _____ & LINS, Maria da Penha (orgs). Caminhos linguísticos. Vitória: NUPLES, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. (Primeira versão publicada em 1968).

Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos. Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca Central. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.